

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Letras – IL

Departamento de Teoria Literária e Literaturas – TEL

**“UM HOMEM CÉLEBRE” E “CANTIGAS DE ESPONSAIS”: CRIAÇÃO
ARTÍSTICA E REALIDADE PERIFÉRICA**

Denise Freitas Paiva

Trabalho de pesquisa orientado pela Profa. Dra. Ana Laura dos Reis Corrêa

Brasília/2015

“UM HOMEM CÉLEBRE” E “CANTIGAS DE ESPONSAIS”: CRIAÇÃO ARTÍSTICA E REALIDADE PERIFÉRICA

Denise Freitas Paiva¹

RESUMO

Este artigo procura analisar os contos “Um homem Célebre” e “Cantigas de Esponsais”, de Machado de Assis, a partir dos eixos modeladores da realidade periférica, explicando como esta dinâmica social se interioriza e transparece na estrutura narrativa. Desta forma, o conflito da falta de identidade dos personagens-músicos está diretamente relacionado ao problema da insatisfação criativa. Assim, Machado compõe um ambiente propício para expor a configuração do país que tenta superar as limitações artísticas originadas por suas contradições históricas.

Palavras-chave: arte e processo social; literatura e realidade periférica; universal x local; contos de Machado de Assis.

RESUMEN

Este artículo busca analizar los cuentos “Um Homem Célebre” y “Cantigas de Esponsais” de Machado de Assis a partir de los ejes formadores de la realidad periférica, explicando cómo esta dinámica social se interioriza y se transluce en la estructura narrativa. De manera que el conflicto de la ausencia de identidad de los personajes-músicos está directamente relacionado al problema de la insatisfacción creativa. Así, Machado compone un entorno propicio para exponer la configuración del país que trata de superar las limitaciones artísticas causadas por sus contradicciones históricas.

Palabras clave: arte y proceso social; literatura y realidad periférica; universal x local; cuentos de Machado de Assis.

1 INTRODUÇÃO

Machado de Assis propõe em suas obras uma reflexão sobre o homem e a sociedade brasileira do século XIX. Ao constituir este panorama, o autor emprega um olhar, que, embora pessimista, irônico e sarcástico em relação aos aspectos sociais e culturais vigentes

¹ Graduanda em Letras – Português pela Universidade de Brasília. deniseunb@hotmail.com

naquela época, muitas vezes adquire um tom de humor. Deste modo, pretende-se neste trabalho ressaltar

a importância dos contos “Um Homem Célebre” e “Cantigas de Esponsais” na construção da crítica social do autor, a qual está organicamente inserida na forma estética para demonstrar como as contradições estruturais da vida social e do capitalismo universalizado se refletem na crise criativa vivida pelos personagens.

O objeto de estudo é a produção artística em região periférica e os limites criativos dos personagens como reflexo dos limites históricos enfrentados na forma social, ambos apresentados nos contos machadianos citados acima. O objetivo da pesquisa é identificar os elementos realistas do conteúdo e da construção das narrativas que articulam a estética literária às barreiras sociais e constituem a problemática da realização artística.

Esses dois contos de Machado de Assis nos fazem refletir sobre a criação artística musical e os valores culturais inseridos dentro desta dinâmica social, os quais entram em embate na representação do escritor. A dificuldade de diálogo entre o universal-erudito e o popular-periférico tem como consequência a constante insatisfação criativa dos personagens.

Os pressupostos teóricos adotados nesse artigo partem de duas perspectivas críticas, a primeira reporta à relação entre literatura e forma social e tem por base o trabalho de Roberto Schwarz acerca da obra de Machado de Assis, e a outra trata da discussão sobre a formação da literatura brasileira desenvolvida por Antonio Candido. Tanto uma como a outra são parâmetros obrigatórios a todos que pretendem analisar a obra do escritor no que diz respeito à íntima relação entre arte e vida social.

Observa-se nesses contos uma inter-relação entre as práticas sociais e a forma literária. O fracasso de Pestana e Mestre Romão é reflexo de uma sociedade marcada pelas contradições de uma herança colonial escravocrata e periférica, na qual o modelo clássico “erudito” desmerece a criação artística local, que por sua vez nunca é puramente local. Esta problemática compõe a dialética local-universal encontrada na obra machadiana. Conforme Antonio Candido (2006), essa dialética de possibilidades da literatura nacional é configurada basicamente pelo caráter empenhado e pela dialética local-universal, a qual ele deu o nome de *literatura de dois gumes*.

Os dois contos escolhidos –“Um Homem Célebre” e “Cantiga de Esponsais”– apresentam temáticas semelhantes e oferecem várias interpretações, mas aqui vamos priorizar a seguinte pergunta: o que causa essa incapacidade de expressão artística dos protagonistas? Esse estudo pretende respondê-la analisando o anseio de realização artística dos personagens que, ao longo da narrativa, torna-se inatingível devido à conjunção entre a realidade adversa e o desejo dos personagens. Machado organiza uma sucessão de acontecimentos que mostram alguns problemas, como: o da sociedade hostil à arte, o do artista em crise com sua vocação, o

não reconhecimento da música popular como manifestação artística, o ser *versus* querer ser e a questão do erudito e popular.

O tema da frustração artística está relacionado à “ideia fixa” de compor algo de caráter original e grandioso. Tanto Mestre Romão como Pestana buscam exaustivamente a inspiração que traria a realização pessoal e profissional. Entretanto, nenhum dos dois consegue traduzir suas ideias e sentimentos e acabam morrendo insatisfeitos. Diferentemente de Romão, Pestana alcança sucesso com a composição de polcas, porém seu dilema é não conseguir criar algo considerado elevado e que o aproximasse dos grandes clássicos musicais. Para Romão o fracasso é não criar nada. Em suma, a experiência do vazio social se projeta no vazio artístico.

2 MEDIAÇÕES DA REALIDADE PERIFÉRICA

O cenário histórico do Brasil foi marcado pelas contradições de uma herança colonial escravocrata, periférica e semimoderna. O patriarcalismo e o clientelismo, ligados à escravidão, tornaram-se os eixos das mediações da realidade histórico-social brasileira. Estes atrasos acarretaram desigualdades sociais que ecoam até os dias de hoje.

Conforme afirma Schwarz (2000, p.241), “voltando a Machado de Assis, vimos que sua fórmula narrativa atende meticulosamente às questões ideológicas e artísticas do Oitocentos brasileiro, ligadas à posição periférica do país.” Observa-se uma vinculação contundente entre a forma artística, a forma literária e a condição histórica do país, pois “Justamente pelo fato de manter relações com a realidade social, a literatura incorpora as suas contradições à estrutura e ao significado das obras” (CANDIDO, 1989, p.167)

A configuração típica de país periférico apresenta particularidades históricas que remetem à sua condição inferiorizada e problemática, a qual está conformada nas privações de ex-colônia, de modo que os personagens de Machado refletem as articulações sociais inseridas no contexto brasileiro. Schwarz afirma que, “explorados pela inventiva do romancista, os aspectos de demora civilizatória ganhavam conectividade e expunham a teia de suas implicações” (2012, p.15-16).

Dessa forma, o escritor expõe uma reflexão crítica da sociedade de seu tempo, evidencia suas contradições e as raízes do regime escravocrata na dinâmica social do Brasil. Sendo assim, conclui Schwarz, “ há um nexa a explorar entre a originalidade artística da obra e a diferença histórica da nação” (2000, p.16).

Os protagonistas Pestana e Mestre Romão aludem à condição inferiorizada e problemática de país periférico que está diretamente relacionada ao conflito criativo

vivenciado por eles. A maior perspicácia de Machado foi justamente apreender que os desajustes imanentes à posição periférica do país tornam-se traços essenciais e característicos da vida cultural e ideológica nacional.

Como diz Schwarz, o objetivo maior da obra de Machado de Assis não é a sátira da vida social, mas do comportamento humano no país com “ideias fora do lugar”. Portanto, as desconformidades da realidade social brasileira servem como recursos estratégicos do autor para a inserção de elementos que refletem os limites históricos enfrentados na dinâmica da vida pública, os quais corroboram para a construção de sua crítica social na literatura.

2.1 UNIVERSAL X LOCAL

O eixo da dialética **universal-local** é a complexa relação entre a forma europeia e a matéria local. De acordo com Candido (1989), as obras dos momentos decisivos da formação de nossa literatura revelavam uma consciência acerca do atraso do país, já que a noção de “país novo”, que mais tarde seria substituída pelo conceito de “subdesenvolvido”, acarretou diversas implicações que foram essenciais para a composição da literatura brasileira.

A composição literária e cultural do país foi moldada a partir de referências europeias, as quais, em certa medida, entraram em divergência com a realidade brasileira. Logo a imitação das ideias estrangeiras entra em discordância com os elementos locais. No entanto, este desajuste cultural “transformava em fermento artístico e de conhecimento as relações de inadequação entre a realidade local e a forma emprestada” (Schwarz, 2000 p.155).

Como afirma Schwarz, no texto “Leituras em competição”, “universalismo e localismo são ideologias ou chavões, ou timbres, de que Machado se vale como de pré-fabricados passíveis de uso satírico. (2012, p.40). O autor reflete artisticamente a sociedade brasileira ciente de suas falhas e de seus aspectos morais duvidosos. Ao mesmo tempo em que mostrava a atmosfera provinciana, revelava os problemas acarretados pelo empréstimo imediato de padrões europeus. Em síntese, a insignificância da condição de província e seu isolamento cultural adquirem um tom cômico e irônico que são relevantes para sua interpretação atual.

Os dois contos machadianos analisados neste estudo apresentam os seguintes aspectos temáticos em comum: a semelhança dos protagonistas, o descontentamento criativo e a ambientação temporal, que abrange o século XIX. As duas narrativas propiciam a construção de um conjunto histórico formado por processos sociais inseridos naquele contexto. Deste modo, Machado de Assis retrata de forma literária o período em que a música erudita, que

nunca se popularizou efetivamente no Brasil, foi dividindo espaço com novos ritmos produzidos pelas camadas populares, diversificando a produção musical brasileira.

A caracterização do músico mais frequente nos contos de Machado é a do artista insatisfeito que se torna vítima da falta de referências da cultura nacional ou marginalizado de reconhecimento, no caso do popular. A dificuldade de diálogo entre o europeu-erudito e o popular-periférico está presente tanto em “Um Homem Célebre” como em “Cantigas de Esponsais”. Contudo, a problemática é constituída de forma diferente: Pestana compõe e é célebre por suas polcas, composições populares, porém deseja criar música erudita; já Mestre Romão, maestro de músicas sacras, almeja terminar de compor um canto esponsalício, mas vive a frustração de não conseguir criar nada. A incapacidade de expressar artisticamente o que sente para o mundo é a causa da frustração do personagem.

3 UM HOMEM CELÉBRE

O conto “Um Homem Célebre” tem como protagonista Pestana, um compositor e pianista bastante disputado nos saraus promovidos por representantes da alta sociedade fluminense. As famosas polcas do Pestana não conhecem barreiras sociais e caem rapidamente no gosto popular da cidade. No entanto, ele não valoriza sua produção artística pelo fato de ela não se adequar ao seu ideal estético. Entre suas referências estão Bach, Mozart, Beethoven, entre outros mestres da música clássica. Diante do piano e dos retratos dos compositores clássicos, Pestana obstinadamente tentava compor uma obra clássica. Em contrapartida, compunha sem esforços as polcas. O fracasso na composição de música clássica é compensado quando se tratava de criar polcas. Em pouco tempo sem recorrer a nada, uma nova e brilhante polca despontava. Por todas estas razões, a ambição de Pestana pela música erudita não condiz com sua verdadeira vocação.

4 CANTIGA DE ESPONSAIS

O conto “Cantiga de Esponsais” narra a história de Romão Pires, que tem como objetivo conseguir terminar uma cantiga de esponsais, iniciada logo após seu casamento. O grande sofrimento dele é causado pela cantiga incompleta e as notas musicais que lhe faltam em sua produção artística. Mestre Romão passa a vida procurando uma melodia sem nunca a ter encontrado. Quando está para morrer, em casa, ouve uma jovem recém-casada cantarolar lá fora a melodia que ele sempre procurou durante anos. De fato, Romão sabia reger músicas

clássicas, porém não conseguia compor. O músico incompleto machadiano busca inutilmente a inspiração e a melodia para concluir sua obra. A angústia obsessiva de criar algo atinge inteiramente a prática de sua realidade artística. Neste caso, o protagonista vive a luta entre o desejo de compor e a impossibilidade de realizá-lo.

5 INSATISFAÇÃO CRIATIVA

Uma breve análise dos contos “Cantigas de esponsais” e “Um Homem Célebre” permite concluir que o tema central das narrativas é a questão da realização artística dos personagens. Lúcia Miguel Pereira afirma que tais personagens buscam uma “perfeição inatingível”, que gera a dúvida, a “eterna insatisfação” (PEREIRA, 1988, p.227). A não-realização de suas mais profundas aspirações musicais ultrapassa a esfera circunstancial e revela-se como marca de valor histórico.

Logo no início do conto “Cantiga de Esponsais”, o narrador descreve o regente Romão Pires da seguinte forma:

Mestre Romão rege a festa! Quem não conhecia mestre Romão, com o seu ar circunspecto, olhos no chão, riso triste, e passo demorado? Tudo isso desaparecia à frente da orquestra; então a vida derramava-se por todo o corpo e todos os gestos do mestre; o olhar acendia-se, o riso iluminava-se: era outro. Não que a missa fosse dele; esta, por exemplo, que ele rege agora no Carmo é de José Maurício; mas ele rege-a com o mesmo amor que empregaria, se a missa fosse sua. (ASSIS, 2007a, p.200-201)

É evidente a disparidade entre “ar circunspecto, olhos no chão, riso triste” e “o olhar acendia-se, o riso iluminava-se: era outro”; o que revela o dilaceramento interior em que Romão vivia mergulhado: “[...] Casa sombria e nua. O mais alegre era um cravo, onde o mestre Romão tocava algumas vezes, estudando. Sobre uma cadeira, ao pé, alguns papéis de música; nenhuma dele...” (ASSIS, 2007a, p.201).

O narrador aborda a impossibilidade criativa de mestre Romão com estas palavras: “Parece que há duas sortes de vocação, as que têm língua e as que não têm. As primeiras realizam-se; as últimas representam uma luta constante e estéril entre o impulso interior e a ausência de um modo de comunicação com os homens” (ASSIS, 2007a, p.201). Ao longo do conto, nota-se que são várias as razões que impedem mestre Romão de concretizar seu desejo de criação, a principal delas é o sofrimento causado por sua limitação artística: “Tinha vocação íntima da música; trazia dentro de si muitas óperas e missas, um mundo de

harmonias novas e originais, que não alcançava exprimir e pôr no papel. Esta era a única tristeza de mestre Romão” (ASSIS, 2007a, p.201).

O ritmo da narrativa ganha um tom progressivo nos trechos em que o narrador destaca a tentativa fracassada de Romão em compor algo: “[...] — a causa da melancolia de mestre Romão era não poder compor, não possuir o meio de traduzir o que sentia” (ASSIS, 2007a, p.201). O drama desenvolvido por Machado ressalta a insatisfatória e precária capacidade criadora do personagem. Apesar de ser um excelente regente, não obtém êxito na composição musical: “Não é que não rabiscasse muito papel e não interrogasse o cravo, durante horas; mas tudo lhe saía informe, sem ideia nem harmonia” (ASSIS, 2007a, p.202).

Quando está para morrer, Romão decide concluir o seu esboço de um canto esponsalício, iniciado nos primeiros dias depois de seu casamento e abandonado após o falecimento de sua esposa:

E, entretanto, se pudesse, acabaria ao menos uma certa peça, um canto esponsalício, começado três dias depois de casado, em 1779. (...) Três dias de casado, mestre Romão sentiu em si alguma coisa parecida com inspiração. Ideou então o canto esponsalício, e quis compô-lo; mas a inspiração não pôde sair. (...) Algumas notas chegaram a ligar-se; ele escreveu-as; obra de uma folha de papel, não mais. Teimou no dia seguinte, dez dias depois, vinte vezes durante o tempo de casado. Quando a mulher morreu, ele releu essas primeiras notas conjugais, e ficou ainda mais triste, por não ter podido fixar no papel a sensação de felicidade extinta. (ASSIS, 2007a, p.202)

Decepcionado, Romão ouve, antes de morrer, uma jovem recém-casada cantar lá fora a frase tão procurada por ele. A moça parece não ter nenhum talento musical e espontaneamente encontra a melodia que Romão tanto desejava para dar forma e imortalizar o momento de rara felicidade que sentiu após o seu casamento:

Mestre Romão, ofegante da moléstia e de impaciência, tornava ao cravo, mas a vista do casal não lhe supria a inspiração, e as notas seguintes não soavam.

- Lá...lá...lá...

Desesperado, deixou o cravo, pegou do papel escrito e rasgou-o. Nesse momento, a moça embebida no olhar do marido, começou a cantarolar à toa, inconscientemente, uma coisa nunca antes cantada nem sabida, na qual coisa um certo *lá* trazia após si uma linda frase musical, justamente a que mestre Romão procurava durante anos sem achar nunca. O que mestre ouviu-a com tristeza, abanou a cabeça, e à noite expirou. (ASSIS, 2007a, p.203)

Dois pontos essenciais podem ser discutidos a partir desse trecho final. Primeiro, a questão da falta de conhecimento musical da moça que consegue compor “uma linda frase musical”, segundo, o emprego do termo “inconscientemente” por parte de Machado, que

comprova a privação criativa de mestre Romão e sua sina de não conseguir realizar o trabalho idealizado.

A metáfora da criação artística presente neste conto torna-se mais importante quando compreendemos que a melodia tão almejada procura traduzir a felicidade de Romão no momento em que se casou. Mas ele nunca alcançou a melodia que expressasse a sensação vivida naquele período, a felicidade que sentiu e conheceu. Constatamos que Romão tem a inspiração, porém, durante seu processo criativo, a ideia fixa de compor algo influencia o seu desempenho musical. A impossibilidade criativa tem correspondência direta na realidade de sua produção artística. Embora tenha conhecimento musical, não consegue compor o que deseja.

Percurso semelhante é o do músico Pestana, protagonista do conto “Um Homem Célebre”. Ele tem sucesso na vida com a composição de polcas, mas seu maior objetivo é a música clássica, por isso não atinge seu ideal. A tensão entre o erudito e o popular está corrente no contexto social representado no conto, o qual estabelece o conflito da falta de identidade do personagem que resulta no problema da insatisfação criativa:

Ouvidos os primeiros compassos derramou-se pela sala uma alegria nova, os cavalheiros correram às damas, e os pares entraram a saracotear a polca da moda. Da moda, tinha sido publicada vinte dias antes, e já não havia recanto da cidade em que não fosse conhecida. Ia chegando à consagração do assobio e da cantarola noturna. (ASSIS, 2007a, p.418)

A dualidade entre a “música clássica” e a “música popular” percorre toda a narrativa. O personagem Pestana é um talentoso compositor de polcas que reverencia a música clássica. A fama de músico popular não garante seu sucesso em suas predileções eruditas. Por esta razão, sucesso e fracasso fazem parte de sua caracterização.

Ele lastima seu sucesso, pois tem a pretensão de criar ao menos uma obra clássica, uma única sonata de valor, mas não consegue. Machado descreve com muito sarcasmo os sofrimentos do célebre compositor de polcas. A ironia do escritor já começa com o próprio título, no qual o adjetivo “célebre” faz menção ao reconhecimento de Pestana na composição de polcas pelo grande público, mas não para si mesmo.

Pestana anseia compor uma música clássica, admira e venera seus ídolos na tentativa de inspirar-se para, quem sabe um dia, fazer uma obra imortal. Sua devoção a artistas clássicos como Beethoven, Bach, Schumann, entre outros, é destacada pelo narrador, mostrando a obsessão com que o compositor de polcas encarava o piano e adornava o ambiente em que trabalhava:

Os demais retratos eram de compositores clássicos, Cimarosa, Mozart, Beethoven, Gluck, Bach, Schumann, e ainda uns três, alguns gravados, outros litografados, todos mal encaixilhados e de diferentes tamanhos, mas postos ali como santos de uma igreja. O piano era o altar, o evangelho da noite lá estava aberto: era uma sonata de Beethoven. (ASSIS, 2007b, p.419)

Pestana, como artista, não é nada habilidoso na composição de música clássica, o que gera sua impotência diante de qualquer outra criação que não seja polca. Esta luta entre a vocação e ambição é evidente no seguinte trecho: “(...) interrogando o céu e a noite, rogando aos anjos, em último caso ao diabo. Por que não faria ele uma só que fosse daquelas páginas imortais?” (ASSIS, 2007b, p.419). Está claro que o dom do personagem é a produção do gênero mais popular:

Correu à sala dos retratos, abriu o piano, sentou-se e espalmou as mãos no teclado. Começou a tocar alguma coisa própria, uma inspiração real e pronta, uma polca buliçosa, como dizem os anúncios. Nenhuma repulsa da parte do compositor; os dedos iam arrancando as notas, ligando-as, meneando-as; dir-se-ia que a musa compunha e bailava a um tempo. Pestana esquecera as discípulas, esquecera o preto, que o esperava com a bengala e o guarda-chuva, esquecera até os retratos que pendiam gravemente da parede. Compunha só, teclando ou escrevendo, sem os vãos esforços da véspera, sem exasperação, sem nada pedir ao céu, sem interrogar os olhos de Mozart. Nenhum tédio. Vida, graça, novidade, escorriam-lhe da alma como de uma fonte perene. (ASSIS, 2007b, p.420)

O compositor de polcas entende que a cultura clássica tem mais chance de perdurar no tempo do que a popular, e a sua insatisfação decorre do seu pensamento de que, não compondo uma música “superior”, seu nome será esquecido. O reconhecimento popular de Pestana o perturba e o aborrece. A ironia machadiana provém da relação paradoxal de um artista que consegue êxito com seu público, mas não quer ter sucesso desse modo e frustra-se com isso. Assim, aparece sua irritação com uma fã, a careta, a dissimulação, a falta de entusiasmo, o desgosto por ouvir suas músicas assobiadas nas ruas e sua permanente insatisfação criativa.

Como no conto “Cantigas de Esponsais”, o personagem não consegue criar, porém a problemática da criação neste caso é fruto da oposição erudito e popular. A insatisfação artística de Pestana ultrapassa o campo da criação musical e propõe uma reflexão sobre sua verdadeira vocação e os desejos artístico-musicais que contrariam sua disposição natural para música. De fato, como afirma o narrador: “Compunha só, teclando ou escrevendo, sem os vãos esforços da véspera” (ASSIS, 2007b, p.420). A questão da criação é fomentada de maneira muito pertinente e sarcástica, principalmente quando Pestana lamenta o sucesso com

as polcas e sofre com a escassa inspiração criativa no campo da música erudita: “— As polcas que vão para o inferno fazer dançar o diabo, disse ele um dia de madrugada, ao deitar-se” (ASSIS, 2007b, p.421). A interferência de seu conhecimento musical associada a sua pouca inspiração criativa para a música clássica é expressa com estas palavras: “Se acaso uma ideia aparecia, definida e bela, era eco apenas de alguma peça alheia, que a memória repetia” (ASSIS, 2007b, p.420).

Machado de Assis conduz o leitor ao tema da alienação artística. A ideia de alienação editorial da música para o consumo é exemplificada pelo aparecimento do editor de Pestana. O editor impõe os títulos das polcas ignorando completamente as sugestões do compositor:

Veio a questão do título. Pestana, quando compôs a primeira polca, em 1871, quis dar-lhe um título poético, escolheu este: *Pingos de Sol*. O editor abanou a cabeça, e disse que os títulos deviam ser, já de si, destinados à popularidade, ou por alusão a algum sucesso do dia, — ou pela graça de palavras; indicou-lhe dois: *A Lei de 28 de Setembro, ou Candongas Não Fazem Festa*.

— Mas que quer dizer Candongas Não Fazem festa? Perguntou o autor.

— Não quer dizer nada, mas populariza-se logo. (ASSIS, 2007b, p.420-421)

Afrontado pelo editor na escolha dos títulos das polcas, Pestana, a princípio, recusa-os, mas, conduzido pela “comichão da publicidade”, se rende e aceita “os títulos que ao editor parecessem mais atraentes ou apropriados” (ASSIS, 2007b, p.421):

Agora quando Pestana entregou a nova polca, e passaram ao título, o editor acudiu que trazia um, desde muitos dias, para a primeira obra que ele lhe apresentasse, título de espanto, longo e meneado. Era este: *Senhora, Dona, Guarde o Seu Balaio*. (ASSIS, 2007b, p.421)

A questão dos títulos das polcas de Pestana merece atenção, como também a injunção alienante do editor, que termina por acirrar a sensação de impotência do protagonista. Ele quer compor “uma página”, sonha em ver seu trabalho “encadernado”. O anseio pela posteridade e pela glória futura determinam seu bloqueio de expressão musical:

E aí voltaram as náuseas de si mesmo, o ódio a quem lhe pedia a nova polca da moda, e juntamente o esforço de compor alguma coisa ao sabor clássico, uma página que fosse, uma só, mas tal que pudesse ser encadernada entre Bach e Schumann. Vão estudo, inútil esforço. (ASSIS, 2007b, p.421)

Para Pestana, as exigências musicais provocavam-lhe náuseas e um forte sentimento de fugacidade. Ele sonhava com sonatas, sinfonias e missas, mas na sua condição de

compositor inferiorizado de polcas, via-se obrigado a submetê-las aos nomes maliciosos ou politicamente oportunistas ditados pelo tino comercial do editor:

Já estava em perigo, quando lhe apareceu o editor, que não sabia da doença, e ia dar-lhe notícia da subida dos conservadores, e pedir-lhe uma polca de ocasião. (ASSIS,2007b, p.425)

— Olhe, disse o Pestana, como é provável que eu morra por estes dias, faça-me logo duas polcas; a outra servirá para quando subirem os liberais. (ASSIS, 2007b, p.425)

O anseio pela música clássica fez Pestana casar-se com a cantora Maria. Com este casamento, ele esperava adentrar no mundo das obras eruditas. “Agora, sim, é que ia engendrar uma família de obras sérias, profundas, inspiradas e trabalhadas” (ASSIS, 2007b, p.422). Entretanto, não conseguiu muito êxito em seu projeto. A morte precoce de sua esposa física o deixa completamente desesperado. Pestana aproveita esta circunstância para tentar compor um *Réquiem*, o qual pretendia executar no primeiro aniversário da morte dela. Depois de terminada esta composição escolheria outro ofício: “escrevente, carteiro, mascate, qualquer coisa que lhe fizesse esquecer a arte assassina e surda” (ASSIS, 2007b, p.423). Contudo, não logrou nenhum resultado: “Contentou-se da missa rezada e simples, para ele só. Não se pode dizer se todas as lágrimas que lhe vieram sorratamente aos olhos foram do marido, ou se algumas eram do compositor. Certo é que nunca mais tornou ao *Réquiem*” (ASSIS,2007b, p.424).

O retorno às polcas foi inevitável. O editor propôs um contrato de vinte polcas em doze meses e Pestana concordou. Devido à subida dos liberais ao poder, a primeira polca a ser produzida já tinha título definido: “Bravos à Eleição Direta. Não é política; é um bom título de ocasião” (ASSIS,2007b, p.424), disse o editor. Como se pode ver, a escolha dos títulos era feita de acordo com os fatos do momento:

Pestana compôs a primeira obra do contrato. Apesar do longo tempo de silêncio, não perdera a originalidade nem a inspiração. Trazia a mesma nota genial. As outras polcas vieram vindo, regularmente. Conservara os retratos e os repertórios; mas fugia de gastar toda as noites ao piano, para não cair em novas tentativas. (ASSIS, 2007b, p.425)

O último pedido do editor coincidiu com o agravamento da doença de Pestana e a subida dos conservadores ao poder. Ele, pressentindo a chegada de sua morte, diz que faria duas polcas: “a outra servirá para quando subirem os liberais” (ASSIS,2007b, p.425). Assim, Pestana chega ao fim de sua vida “bem com os homens e mal consigo mesmo”

(ASSIS,2007b, p.425), pois ele era um ótimo compositor de polcas, o que contrariava o seu real desejo de compor música clássica. Desta maneira, o protagonista se divide entre seu sucesso e seu fracasso.

Apesar de prestigiados por seus respectivos públicos, Romão e Pestana sentiam-se profundamente insatisfeitos porque seus sonhos musicais não se realizavam. A frustração dos personagens seria fruto da tentativa de atingir um objetivo, uma satisfação. Para Romão, o fracasso é não compor nada. Para Pestana, é não compor algo considerado elevado e criativo. Como consequência disso, os personagens expiram perante a impossibilidade de criar. A morte está presente no desfecho dos dois contos. No caso do regente de missas: “O mestre ouviu-a com tristeza, abanou a cabeça, e à noite expirou” (ASSIS, 2007a, p.203). Pestana tem como fim: “expirou na madrugada seguinte, às quatro horas e cinco minutos, bem com os homens e mal consigo mesmo” (ASSIS,2007b, p.425).

A construção do enredo e a caracterização dos personagens nos dois contos servem como registro do período de formação de nossa cultura musical. O drama de Romão Pires é enfocado em 1813, o de Pestana, na década que culmina em 1885. “Cantiga de Esponsais” menciona a tradição das missas cantadas, ou seja, a forte presença da música sacra na cultura brasileira. Já “Um Homem Célebre” pontua as etapas a serem vencidas pela produção musical brasileira. Neste caso, a cultura europeia como referência musical promove a crise artística de Pestana. Ao longo da narrativa, as polcas revelam que, por mais que a tradição clássica fosse admirável, somente poderia ser apreendida como herança. Curiosamente, os protagonistas retratam por meio da música a gradativa mudança que ocorreu no Rio de Janeiro durante o século XIX. O crescimento dos centros urbanos, o surgimento de novos ritmos na música, assim como de instituições ligadas à atividade musical.

A insatisfação dos personagens, bem como a frustração musical de ambos tomam proporções melodramáticas que beiram ao tragicômico. Machado conseguiu atingir seu objetivo de mostrar os dois extremos da insatisfação criativa: o “não compor” de Mestre Romão, ocasionado pela falta de linguagem musical no conto “Cantiga de Esponsais”, e, em “Um Homem Célebre”, o desencantamento da não criação, que é originado pelo fracasso na música clássica. Embora Pestana tenha vocação para a música popular, acaba frustrado pela falta de talento na música clássica. Nos dois casos a ambição, o “impulso interior” dos protagonistas, não é alcançada.

A problemática da criação parte da própria insatisfação gerada pelo ato criativo. O desejo de inovar, ou seja, de compor e a busca pela notoriedade limitam a inspiração criativa dos personagens. A frustração artística, pela impossibilidade de concretizar o desejo dos

protagonistas, constitui um conflito individual. A partir desta característica Machado produz uma obra de caráter universal.

Machado chama a atenção para o avanço do capitalismo nos meios culturais, o que torna a realidade cada vez mais reificada, onde perde-se a autonomia artística e a sociedade passa a ser hostil à arte. As exigências do mercado fazem com que Pestana pratique concessões ao gosto do editor para estabelecer-se no meio musical e assim ganhar dinheiro com suas polcas. No entanto, incomodava-o pensar que a razão do seu sucesso residia no forçoso redirecionamento de seu talento a padrões musicais que ele considerava medíocres. Esta postura contrária aos modismos da arte musical o coloca na condição de autônomo diante do consumismo inconsequente de um público de gosto manipulado.

De forma ficcional, a ambientação musical de “Um Homem Célebre” e de “Cantigas de Esponsais” reflete o dilema que a realidade impunha ao artista. A ambição dos protagonistas tem correspondência direta com a prática de suas atuações artísticas. Deste modo, as duas narrativas possuem em comum o aspecto da insatisfação criativa de não alcançar o desejado musicalmente.

A vocação do velho Romão é executar composições sacras de autores consagrados da época, o que ele faz com extrema habilidade, com uma satisfação intensa, mas efêmera, que surge e desaparece com a duração da execução. Entretanto, sua aspiração era chegar a ser compositor, ultrapassando a condição de apenas executor. Buscava com veemência a autoria musical. Em “Um Homem Célebre”, Pestana protagoniza o impasse entre a recusa de assumir definitivamente sua vocação para as polcas e a incapacidade de produzir algo de “maior prestígio”. O embate é constituído justamente pelo que é produzido.

Interessante é observar como os dois personagens falecem ao final da narrativa. Assim, a frustração musical é tratada por Machado de Assis como uma questão vital. O desfecho fatal confere aos contos uma sensação de crueldade e frieza impressionantes.

Em resumo, o drama da busca pela realização artística e o conflito entre vocação e ambição estão presentes tanto em “Cantigas de Esponsais” como em “Um Homem Célebre”. A forma como cada um deles tenta enfrentar suas limitações criativas constitui a natureza das dificuldades tematizadas. A procura de algo inatingível e de uma perfeição absoluta origina o sentimento de insatisfação dos personagens. De certo, as intrigantes ironias próprias do estilo machadiano fazem da impossibilidade de atingir a perfeição artística um elemento formal de significativo alcance reflexivo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Machado abarca a constante alternância entre a esfera universal e a típica brasileira, os personagens buscam referências universais, mas não perdem as características da vida local. Uma das expressões populares da vida musical brasileira é explicitada no conto “Um homem célebre”, no qual Pestana compõe com grande maestria polcas amplamente conhecidas pelo público local.

Considera-se que o autor, ao trabalhar o tema da realização artística, mostra suas reflexões críticas acerca do processo de criação e produção em região periférica, a qual é caracterizada principalmente por contradições históricas. O conto “Cantiga de Esponsais” narra a vida de derrota e frustração do regente Romão Pires que vive uma crise causada pela sua incapacidade de expressão musical, ou seja, falta-lhe a autoria. No outro conto “Um homem célebre”, o protagonista Pestana compõe polca, que é sua inspiração, mas quer produzir música clássica.

O artista machadiano é um homem alienado, que perde a suas potencialidades criativas no jogo da dependência do editor musical para divulgar suas composições. Diante de tal situação, Pestana sente-se diminuído em suas produções, pois não quer compor apenas para as massas, deseja ser compositor de algo mais elaborado e elevado que o consagre, ou seja, sua ambição é a eternidade. O aparecimento do editor se dá justamente no momento da escolha do título para as polcas. É o instante da formatação, e corresponde ao acabamento de um produto destinado ao mercado. É bem provável que Pestana não fizesse tamanho sucesso se não houvesse atrás de si a figura de um editor. Esta lógica do sistema de produção que moldava o mercado musical daquela época ainda prevalece nos dias de hoje.

De certa forma, nos contos aqui analisados, percebe-se que Machado de Assis insere na literatura uma compreensão bem moderna das questões artísticas decorrentes das novas relações urbano-sociais das grandes metrópoles no século XIX. Assim, ele realiza em seus contos a formação de um mundo próprio, porém, que reflete a vida em sua totalidade histórica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. “Cantiga de esponsais”. In: _____. **50 contos escolhidos de Machado de Assis**. Seleção, introdução e notas John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 2007a. p. 200-203.

_____. “Um homem célebre”. In: _____. **50 contos escolhidos de Machado de Assis**. Seleção, introdução e notas John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 2007b. p. 417-432.

CANDIDO, A. “Literatura de dois gumes”. In: _____. **A Educação Pela Noite e Outros Ensaios**. 1ªed. São Paulo: Ática, 1989. p. 163–180.

_____. **Formação da literatura brasileira**. 6ª. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

_____. “Esquema Machado de Assis”. In: _____. **Vários Escritos**. 3ª. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

PEREIRA, L.M. **Machado de Assis (Estudo crítico e biográfico)**. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Edusp, 1988.

SCHWARZ, R. “Nacional por subtração”. In: _____. **Que horas são?** 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 29–48.

_____. “Adequação nacional e originalidade”. In: _____. **Sequências Brasileiras - Ensaio**. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 24–45.

_____. “As idéias fora do lugar”. In: _____. **Ao vencedor as batatas**. 2ª. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2012, p. 9–31.

_____. “Leituras em competição”. In: _____. **Martinha versus Lucrecia: Ensaio e entrevistas**. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 9–43.

_____. **Um mestre na periferia do capitalismo**. 4ª.ed. São Paulo: Duas Cidades, 2000.